

CAPÍTULO 32

MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICO-CULTURAIS NO CONTEXTO DO SEMIÁRIDO PARAIBANO: PRÁTICAS DE INTERCULTURALIDADE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

ALMEIDA, Leandro de Sousa

Mestrando em Literatura e Interculturalidade
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
leandro_almeida_155@hotmail.com

ALMEIDA, Romário de Sousa

Graduando em Engenharia de Biossistemas
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
romário_r.s.a@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho descreve a experiência realizada pelos bolsistas do Programa PIBID Diversidade da área de Linguagens e Códigos, da Licenciatura em Educação do Campo (LECAMPO), do CDSA/UFCG. A experiência se deu nas três séries do ensino médio da Escola do Campo Bento Tenório de Sousa, localizada no contexto do semiárido paraibano, especificamente no cariri, no Assentamento Santa Catarina, Município de Monteiro–PB. O projeto se inscreve nas práticas didático-pedagógicas da Escola para o ano de 2017, cujo eixo norteador tratou da interculturalidade. Desse modo, três equipes, no trabalho com três artes, a saber, música, literatura e teatro, desenvolveram suas intervenções com vistas à temática supracitada. A partir do segundo semestre deste ano, o grupo de bolsistas assumiu como temática fundamental trabalhar, através da arte, os elementos constituintes da cultura popular daquela região: seus mestres, a exemplo de Zabé da Loca, famosa tocadora de pífano, entre outras figuras da tradição local. Os objetivos dessa intervenção foram viabilizar discussões e práticas significativas no âmbito da cultura; pensar e trabalhar as artes como instrumento de expressão dos saberes da cultura popular e do campo, com enfoque nas figuras artísticas da localidade. Ao final, realizou-se um espetáculo de bonecos protagonizado pelos alunos. Essa ação contribuiu para o fortalecimento da identidade cultural, pelo que também se valorizou as riquezas artístico-culturais da região.

PALAVRAS-CHAVE: Educação do Campo, Interculturalidade, Saberes populares.

1. INTRODUÇÃO

Tendo em vista a extrema problemática da necessidade de aprimorar as práticas de fortalecimento da identidade cultural no âmbito do processo formativo educacional, bem como promover diálogos interculturais na promoção do exercício da cidadania, essa ação, na forma de projeto de intervenção pedagógica, contextualiza dialogicamente teoria e prática no tocante às questões relativas à educação cultural no semiárido.

Sendo assim, o presente trabalho descreve a experiência realizada pelos bolsistas do Programa PIBID Diversidade da área de Linguagens e Códigos, da Licenciatura em Educação do Campo (LECAMPO), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA). A experiência se deu nas três séries do ensino médio da Escola do Campo Bento Tenório de Sousa, localizada no contexto do semiárido paraibano, especificamente no cariri, no Assentamento Santa Catarina, Município de Monteiro–PB.

O projeto se inscreveu nas práticas didático-pedagógicas da escola para o ano letivo de 2017, cujo eixo norteador tratou da interculturalidade. Em função disso, três diferentes equipes, no trabalho com três artes, a saber, música, literatura e teatro, desenvolveram suas intervenções com vistas à temática supracitada. Essa ação objetivou contribuir com a ampliação do horizonte de conhecimentos interculturais dos alunos do ensino médio, bem como refletir os possíveis diálogos entre tipos de cultura com vistas para a diversidade cultural, o que também contribuiu para o fortalecimento da própria identidade cultural local.

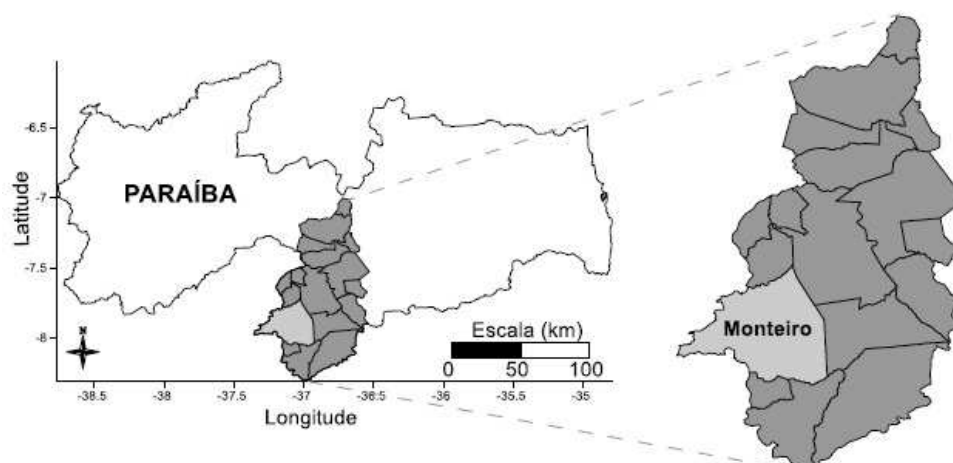
Essa ação que consistiu em práticas dialógicas em cultura esteve efetivamente interagindo com o corpus teórico-metodológico utilizado como referencial, valendo destacar alguns principais, a exemplo de Ayala (2011), Brandão (2002), Keesing (1961), Laraia (1986), Santos e Baiardi (2007), entre outros teóricos pensadores dos estudos sobre cultura ligados à educação e outras áreas científicas tomados como fundamentação

Portanto, essa ação (re)significou e contextualizou as práticas de interculturalidade que, no exercício da pesquisa, memória e manifestação artística, fortalecendo as discussões sobre cultura e promovendo aprendizagem. Através da área de Linguagens e Códigos, especificamente, com enfoque nas artes, conseguiu-se dialogar com os saberes populares evidentes na comunidade, com destaque para os artistas e figuras ilustres da região. Além disso, o trabalho promoveu diálogos interartes tomando como base a experimentação com a Música, Literatura e Teatro, culminando na montagem de um espetáculo.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O local de realização da pesquisa intervenção pedagógica foi no Município de Monteiro-PB, especificamente no assentamento Santa Catarina, na Escola do Campo Bento Tenório de Sousa, ligada à rede estadual de ensino, a qual oferta o ensino médio da educação básica.

Figura 1. Localização Geográfica da Microrregião do Cariri Ocidental-PB.



Fonte: Barbosa et al. (2018).

Tomando como base a proposta pedagógica e/ou eixo temático de ensino da escola do campo, pela qual se norteou as discussões no contexto escolar, em conversa, foi concordado com todos os bolsistas do PIBID Diversidade da área de Linguagens e Códigos, bem como com o corpo docente escolar e a supervisão de área supracitada, que nossas intervenções estariam associadas ao projeto pedagógico da escola para o ano letivo de 2017, no que diz respeito às temáticas a serem discutidas.

Assim sendo, a elaboração das intervenções do presente projeto surge norteada pelo pré-suposto do fortalecimento com relação ao que a escola objetivou promover. Para tematizar e direcionar a dinâmica pedagógica no ano letivo a referida escola abordou a temática da *interculturalidade*, cuja finalidade foi a promoção de diálogos entre diferentes culturas, onde por sua vez, os bolsistas do PIBID Diversidade da área de Linguagens e Códigos contribuíram para com a proposta temática da escola.

Neste percurso, a equipe de bolsistas, estrategicamente, dividiu-se em três áreas das artes, nas três turmas do ensino médio, cabendo ao 1º ano o trabalho com a Música, ao 2º ano o trabalho com o Teatro e ao 3º ano a Literatura. A princípio as atividades se iniciaram de forma isolada, aprofundando as características específicas dessas artes, com vistas, é claro, para a interculturalidade de forma contextualizada.

Pouco a pouco essas três ações isoladas passaram a se integrar à medida em que o espetáculo teatral como um todo evoluía, culminando com a apresentação do mesmo no espaço da escola como desfecho e culminância da ação, haja vista que foi montada uma peça teatral na linguagem do teatro de bonecos, cuja finalidade, para além da promoção da temática da interculturalidade, também pode promover transversalidade entre linguagens artísticas, pelo que através do próprio teatro foi possível realizar a interdisciplinaridade.

Portanto, as discussões sobre interculturalidade estiveram evidenciadas durante todo o percurso das intervenções, mesmo diante da evidência da valorização da cultura local, a qual passou a ser mais valorizada pelos alunos e demais participantes do projeto. A avaliação da eficácia do projeto de intervenção pedagógica se deu mediante roda de

conversa com os alunos, os quais, junto à equipe de bolsistas e demais gestores puderam refletir sobre a ação desenvolvida.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No desafio de construir conhecimentos à luz da *interculturalidade*, bem como (re)significados e sentidos no campo epistemológico, além de aplicação prática no âmbito das relações e convivência sócio-cultural de forma contextualizada, e mais a frente relacioná-la com os saberes populares e camponeses, é importante, antes de qualquer consideração, fazer menção a alguns conceitos norteadores.

Desse modo, pensando no desenvolvimento do conceito de cultura historicamente, nos deparamos, a princípio, com a definição etimológica de cultura enquanto “cultivo” das tradições e manifestações de um povo, cuja finalidade está estritamente articulada com a necessidade de preservar, conviver e fortalecer tudo o que diz respeito a um determinado grupo.

Em outra vertente, pensando de forma mais abrangente, a cultura também se vale do desenvolvimento das ciências, pois para além da definição tradicional, sua potencialidade também tem representatividade no âmbito científico e tecnológico, uma vez que está diretamente ligada ao desenvolvimento científico, associado ao progresso social de um determinado povo ou sociedade, assim como apontam Santos e Baiardi (2007) ao abordarem discussões sobre o tema *Cultura Científica, seu papel no desenvolvimento da ciência e da atividade inovativa e seu fomento na periferia da ciência*.

É válido reforçar que os estudos sobre cultura, os chamados estudos culturais, tem crescido de maneira avassaladora nas universidades brasileiras, inspirados por grandes nomes estrangeiros, a exemplo de Raymon Williams e Stuart Hall. Também há o destaque para as pesquisas realizadas por Cevalco (2008), brasileira com significativa representatividade no tocante aos estudos literários ligados aos estudos culturais, com uma vasta produção científica tomada como referência por diversos pesquisadores da área.

Desde 1877, Edward Tylor, formalizador do termo *cultura*, o concebe como um “complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (Tylor *apud* LARAIA, 1985, p.21). Desse modo, a cultura é tudo aquilo que diz respeito à vida do ser humano no que tange à sua incessante construção e aprendizagem de si mesmo ao longo de sua vida, pois “a cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores” (LARAIA, 2002, p. 49).

Ao que se pode acrescentar sobre esse conceito, segundo Brandão:

Tudo aquilo que criamos a partir do que nos é dado, quando tomamos as coisas da natureza e a recriamos como objetos e os utensílios da vida social representa uma das múltiplas dimensões daquilo que, em uma outra, chamamos de: cultura (2002, p.22).

Neste sentido, se valendo dos valores sociais, hábitos e interesses no processo de manifestação real de um determinado grupo, bem como atraída pelos valores e significados construídos a partir da convivência com a realidade, a cultura, portanto, não deve ser entendida como algo naturalmente definida no útero biológico da vida, ou seja, a cultura não está programada para nascer de forma hereditária, muito menos se pode entendê-la, em recorte e equívoco, a partir de uma manifestação específica, muito menos como uma cultura superior a outra. Em outras palavras, não existe relação entre a distribuição dos caracteres genéticos e a distribuição dos comportamentos culturais, assim como defende Keesing (1961).

Partindo do ponto de vista de suas várias manifestações e formas de se apresentar, a cultura, portanto, ganha seu plural e se estende à *culturas*, e grosso modo, as culturas são dinamicamente construídas no processo de (inter)ação dos sujeitos com o meio.

Para caracterizar o conceito de culturas, se destacam alguns elementos basilares que são intrínsecos, não podendo ser desmembrados de sua significação, uma vez que trazem outras maneiras e perspectivas de se visualizar tal conceito, a saber, cultura padrão, variações culturais e relatividade cultural. Em síntese, a *cultura padrão* diz respeito à totalidade e predominância de uma manifestação ou costume que concerne à vida de um grupo social, se ilustrando, assim, o perfil de tal comunidade, a exemplo do Brasil, o qual enfaticamente é legendado como “o país do futebol”, devido à paixão e a força que esse esporte exerce no âmbito da vida dos brasileiros. No que concerne às *variações culturais*, de maneira prática se pode visualizar as diferentes formas de expressão cultural de diferentes povos. No Brasil, por exemplo, por mais que seja ilustrado de forma intrépida o viés futebolístico, não se pode, assim, pensar que o futebol seja o único esporte, muito embora o país já tenha sido consagrado com essa manifestação cultural. Claramente se poderá, portanto, visualizar outras culturas esportivas em diferentes regiões do país. Quanto ao *relativismo cultural*, não é sábio fazer contrastes descriteriosos sobre culturas diferentes, pois não se deve comparar culturas de maneira equivocada e centrista, uma vez que não há cultura melhor que outra, e sim culturas diferentes, com valores simbólicos subjetivos, imensuráveis e dinamicamente construídos.

Tomados como princípio norteador os conceitos basilares de cultura já discutidos, se pode, portanto, apresentar o conceito de *interculturalidade*, o qual não se poderia ser entendido sem antes vislumbrar o que é cultural, uma vez que a interculturalidade é, de fato, a forma como as culturas se interagem e se relacionam.

Com relação à historicidade do termo, estudos como os de Vasconcelos (2013), apontam para o seu surgimento desde os primórdios da história da humanidade, passando pela antiga Grécia Clássica e o Império Romano, no devido fluxo de trocas e interações realizadas no Mediterrâneo, mais tarde na expansão da Europa com relação à América e a África, haja vista que sempre houve contato entre culturas distintas. Neste sentido, a interculturalidade, no âmbito da diversidade cultural, só pôde ser vista de forma mais acentuada em projeção com o processo de descolonização da Europa do século XX, o qual promoveu um novo modelo de convivência sociocultural entre colonizadores e ex-colonizados.

Assim sendo, esse conceito é “usado para indicar um conjunto de propostas de convivência democrática entre diferentes culturas, buscando a integração entre elas sem anular sua diversidade” (VASCONCELOS, 2013 p.1). Tendo-se ciência da pluralidade cultural ou *pluriculturalidade*, se nota a diversidade de vertentes e perspectivas de visualização da nítida interculturalidade, a qual não está petrificada, muito menos engessada, pois se (re)faz no processo de (inter)ação mútua, no que diz respeito à troca, pois nas relações interculturais há o surgimento de novos ideais devido às influências involuntárias.

Por ser o processo mais influenciador e fortalecedor da interculturalidade, a *globalização* se apresenta como a ponte entre todas as manifestações culturais, a qual, se valendo do poder midiático e tecnológico, principalmente, faz surgir de forma avassaladora uma cadeia de (inter)relações entre povos e manifestações. Sendo assim, a globalização é a maior cooperadora do criativo e dinâmico processo (trans)formador de novas manifestações culturais.

Como apontou Vasconcelos (2013), a partir do final do século XX, a interculturalidade ultrapassou os limites hegemônicos a partir dos processos globalizadores mercantis, no que tange à criação de um mercado mundial, onde são efetuadas trocas de bens materiais e mensagens (inclusive no uso das mídias), o que acarretou numa crescente interação entre pessoas de diferentes culturas.

No intuito de conceber a diversidade cultural de forma cartesianamente organizada, há ainda a ramificação dos tipos de cultura, cujas características complementam esse conceito holisticamente. Basicamente, existem dois tipos de cultura: cultura popular e cultura erudita. Ao que se nota, a *cultura popular* refere-se a tudo que é produzido por grupos sociais e/ou povos no manifestamento de seus desejos, valores e interesses. Na acepção de Ayala (2011) a cultura popular é feita de “gente”, nas palavras da autora: “um fazer dentro da vida”. A *cultura erudita*, por sua vez, faz referência às hegemônicas classes dominantes ou elites (partes menores de uma sociedade), as quais no uso de seu “poder” aquisitivo ou científico assumem o papel de dominadoras.

Direcionando a discussão para o contexto foco da proposta, ou seja, o *campo* (território rural), o mesmo é um lugar e/ou espaço de produção de conhecimentos e saberes, cujas manifestações, rituais e significação se configura no âmbito do seu contexto de produção, no que tange aos sujeitos que fazem parte deste espaço. Em outras palavras, os sujeitos que vivem no espaço rural têm uma cultura subjetiva, com modos de ser e viver diferentes de outros povos de outras regiões.

Sendo assim, os povos do campo têm os seus próprios saberes, costumes, crenças, manifestações e percepções de sua própria realidade, as quais, de forma viva e dinâmica, podem ser expressadas e, didaticamente, postas como objeto de estudo que instrui e que ensina, para além dos sujeitos que vivenciam tais experiências, também, aos povos que se alimentam de outras influências culturais, e que, de forma (in)voluntária são acometidos de tais influências. Assim sendo, como aponta Freire (1987), não há saber maior ou menor, mas saberes diferentes e ambos são importantes.

No que tange ao espaço de produção, o qual de forma viva se mostra, os saberes e os processos de produções desses saberes devem ser discutidos, aprimorados e fortalecidos. No que concerne ao contexto escolar, em escolas situadas nas zonas rurais,

por exemplo, percebe-se nitidamente que os alunos são produtores de conhecimento. Os mesmos estão inseridos em um espaço (geográfico e simbólico) cultural e por assim dizer, dinâmico. Grosso modo, o enfoque aqui feito é o das possibilidades de interação entre culturas diferentes. Neste caso, cabe-se pensar na interculturalidade a partir do viés da inter-relação entre culturas, a qual se alicerça, primeiramente, no respeito pela diversidade e depois nos vieses da interação dialógica.

Sendo da natureza humana a produção de cultura, mesmo involuntariamente o ser humano ainda é capaz de produzir cultura, porque é inevitável, estando estritamente ligada à vida, com todas as suas necessidades. Considerando a importância de se promover reflexões sobre a interculturalidade, é preciso, principalmente, no que concerne à escolarização básica, incentivar e viabilizar, com intrepidez, práticas de interação cultural, para que os alunos conscientizem-se da necessidade de perceber o seu semelhante, este outro que lhe é diferente, mas ao mesmo tempo lhe é semelhante por haver diferenças. Não é necessário que haja equívocos em pensar-se em uma única cultura petrificada e hegemonicamente engessada, mas, neste sentido, é preciso pensar com mais afinco na dinamicidade e na riqueza da diversidade, até mesmo pelo fato de haver possibilidades de novas descobertas.

No âmbito da educação básica, as discussões sobre cultura devem ser realizadas de forma efetiva e significativa no contexto escolar. Ao que pode-se constatar nos Parâmetros Curriculares Nacionais, a escola objetiva proporcionar práticas que estimulem a apropriação de conteúdos que dialoguem com as questões culturais e sociais de maneira crítica e reflexiva, para que os alunos, dessa maneira, possam vivenciar uma experiência de cidadania de modo a exercer os direitos e deveres de forma respeitosa às diferenças (MEC, 1998).

Neste sentido, além do valor dado à cultural local, a qual tem relação direta com os alunos, os PCNs também sinalizam na indicação de que haja interação dialógica com outras culturas externas, as quais são relevantes no processo de formação educativa, justamente no intuito de ampliar os horizontes sócio-culturais dos alunos no que tange ao conhecimento de outras culturas. Portanto, assim destacam que as escolas busquem ultrapassar seus limites, proporcionando a crianças e jovens o acesso ao saber, tanto no que diz respeito à sua cultura nacional e regional, como no que faz parte do patrimônio universal da humanidade (MEC, 1998).

No tocante ao trabalho intercultural à luz das artes, as mesmas são formas de expressão, no que diz respeito às emoções, ideias, vivência etc., de forma a viabilizar o processo comunicativo e interativo através das suas sintaxes criativas. Sendo assim, cabe pensar o papel das artes na educação básica dentro de um projeto de democratização do acesso à cultura, pelo que se busca, desse modo, contextualizar o ensino-aprendizagem, como defende Penna (1995) em sua obra *Da Camiseta ao Museu: o ensino das artes na democratização da cultura*.

Em direção ao relato das intervenções, segue uma breve descrição que ajudará a compreender mais claramente as atividades realizadas. As ações, portanto, se iniciaram de forma isolada, aprofundando aspectos específicos de cada linguagem artística.

O trabalho com a *Música* direcionou-se às práticas de manipulação de sonoridades, as quais puderam ser experimentadas em sala de aula e outros espaços com os alunos do

1º ano do ensino médio. Objetivou apreciar e produzir sons á partir de instrumentos alternativos, a exemplo de copos, bem como objetos da sala de aula e o próprio corpo. Também foram abordados temas com relação a culturas musicais diversas e seus aspectos singulares e semelhantes, além do estudo sobre grupos musicais, a exemplo de bandas de pífano, trios de forró pé de serra, orquestras, bandas de música e militares etc.; Também foram trabalhados conceitos musicais e desenvolvidas experimentações no pífano (flauta de PVC), inclusive criados pelos alunos. As atividades com as sonoridades culminaram no trabalho de sonoplastia do teatro de bonecos, cuja atuação dos alunos foi de suma importância, a exemplo da representação sonora do pífano na atuação do boneco de Zabé da Loca na peça teatral.

Figura 2. Momento que ilustra a manipulação de sonoridades com instrumentos alternativos (corpo e copos).



Fonte: Acervo dos bolsistas do PIBID Diversidade.

As intervenções com o *Teatro* se desenvolveram com a turma do 2º ano do ensino médio, pelo que se iniciaram com os jogos teatrais que estimulavam a concentração, integração de grupo, trabalho em equipe, consciência corporal, espacial etc., os quais foram tomando direção para a linguagem do teatro de bonecos, o que trouxe representações da cultura popular da região, (re)significando e valorizando os saberes dos artistas da comunidade circunvizinhas ao assentamento. Também foram desenvolvidas práticas de leitura dramatizada, se valendo de procedimentos e técnicas teatrais, a exemplo de leituras performática e vocalizada. Com relação ao teatro de bonecos, foram confeccionados os personagens e elementos cênicos por toda a turma, utilizando materiais diversos, a exemplo de papel jornal, tecidos, algodão, tinta etc.

Figura 3. Momento que ilustra os jogos teatrais e dramáticos na área externa da escola.



Fonte: Acervo dos bolsistas do PIBID Diversidade.

As intervenções com a *Literatura* se desenvolveram com a turma do 3º ano do ensino médio, os quais trabalharam de forma contextualizada a declamação de poemas e poesias que retratavam personagens e figuras históricas da região, bem como os mitos e lendas da região. Com relação ao teatro de bonecos, foi o grupo de literatura que escreveu o texto dramático da peça a partir de pesquisas realizadas.

Figura 4. Momento que ilustra as práticas de leitura e escrita de poesias baseadas nas lendas e demais figuras artísticas e a construção da dramaturgia da peça teatral.



Fonte: Acervo dos bolsistas do PIBID Diversidade.

Esse trabalho culminou na apresentação da peça teatral *Os Saberes Populares*, a qual pôde destacar lendas e mitos da região, além de saberes populares que fazem parte da cultura local, a exemplo da medicina com ervas, música e poesia.

Figura 5. Ilustração da montagem do cenário com todos os bonecos em cena.



Fonte: Acervo dos bolsistas do PIBID Diversidade.

Os personagens e histórias representadas na linguagem do teatro de bonecos foram: João de Amélia, Espedito de Mocinha, Zabé da Loca, A laje das Moças, João de Tião, O fantasma, O Lobisomem da Gameleira, Os índios e A curandeira. Todas essas personalidades artísticas são referenciadas atualmente em todo o território paraibano, alguns com destaque nacional, a exemplo de Zabé da Loca. Assim, a atuação, representação e manipulação dos bonecos realizou-se de forma conjunta, com a participação de alunos das três séries do ensino médio.

Figuras 6. Momentos que ilustram a montagem da peça e os atores manipuladores dos bonecos.



Fonte: Acervo dos bolsistas do PIBID Diversidade.

4. CONCLUSÕES

Através dessa experiência em uma escola do campo, se pôde contribuir para o fortalecimento da identidade cultural campesina, o que também se refletiu na valorização dos artistas e histórias da localidade, bem como as diferentes culturas e saberes. O trabalho com a temática da interculturalidade ampliou os horizontes dos alunos com relação à convivência com a diversidade, com vistas para o respeito às diferentes formas de ser e viver.

As práticas desenvolvidas no âmbito do presente projeto de intervenção pedagógica dialogou efetivamente com o corpus teórico-metodológico utilizado como referencial a partir dos estudos sobre cultura tomados como fundamentação.

Os alunos participantes da intervenção foram significativamente atuantes, o que fez com que as ações do projeto tomassem mais força, constituindo-se através da interação e diálogo. Portanto, se pode considerar que, no âmbito da Educação do Campo e do PIBID Diversidade, houve práticas de interdisciplinaridade na área das linguagens e códigos, contribuindo assim para uma educação contextualizada, que pensa a articulação e associação de saberes e promove um ensino-aprendizagem mais significativo e eficaz.

REFERÊNCIAS

AYALA, M. I. N. **Aprendendo a aprender a cultura popular**. In: PINHEIRO, Helder (org.) Pesquisa em Literatura. 2ª Ed. Campina Grande: Bagagem, 2011, p.95-131.

BARBOSA, R. B. G.; ALMEIDA, R. S.; RIBEIRO, G.N.; MEDEIROS, P. C.; FRANCISCO, P. R. M. **Análise de dados sobre violência contra mulher em municípios do cariri ocidental paraibano**. Anais do CONTECC, v.1, p.2, 2018. Disponível em: http://www.confea.org.br/media/contecc2018/educacao/3_addsvcmemmdcop.pdf. Acessado em: 20 de fevereiro 2019.

BRANDÃO, C.R. **Cultura: o mundo que criamos para aprender a viver**. In: A educação como cultura / Carlos Rodrigues Brandão. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2002.

CEVASCO, M. E. **Dez lições sobre estudos culturais**. 2ªed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

KEESING, F. **Antropologia cultural**, Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961.

LARAIA, R.B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

PENA, M.; COUTINHO, S. R.; MARINHO, V. **Da Camiseta ao Museu: o ensino das artes na democratização da cultura**. Yara Rosas Peregrino (Coord.), Maura Pena, Sylvia Ribeiro Coutinho, Vanildo Marinho. – João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 1995.

SANTOS, A.V.; BAIARDI, A. **Cultura Científica, seu papel no desenvolvimento da ciência e da atividade inovativa e seu fomento na periferia da ciência**. III ENECULT – Terceiro Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. – Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil, 2007. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2007/AlexVieiradosSantos_AmilcarBaiardi.pdf>. Acesso em 24 de Janeiro de 2018.

VASCONCELOS, L. **Interculturalidade**. In: Mais definições em trânsito. Artigo. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2019.